

UMA HISTÓRIA DA IDADE MÉDIA ATRAVÉS DO CORPO

A HISTORY OF THE MIDDLE AGES THROUGH THE BODY

Bruno Silva de Souza*

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. *Uma história do corpo na Idade Média*. Tradução de Marcos Flamínio Peres. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. 207 p.

O livro de Jacques Le Goff e Nicolas Truong é sobre a história do corpo na Idade Média; informa-o o próprio título. Todavia, podemos tomá-lo sob uma ótica mais ampla: trata-se de uma história da Idade Média através do corpo. Tal afirmação, longe de constituir mero jogo linguístico, atenta para a potencialidade de se tomar o corpo – e a forma como o homem se relaciona com ele – enquanto fonte de grande valor para a investigação histórica. Neste sentido, *Uma história do corpo na Idade Média*, além compor um capítulo importante desse projeto de se estudar a história do corpo¹, oferece ao leitor interessado na história da Idade Média no ocidente uma narrativa cujo ponto de partida é aquilo que de mais concreto há na história do homem: seu corpo. Essa história do corpo é, ainda, parte integrante e fundamental da história das mentalidades, tema caro aos historiadores franceses vinculados ao legado dos *Annales*, tal como o próprio Jacques Le Goff.

Evidentemente, essa percepção em relação ao corpo enquanto objeto da história é ainda relativamente recente no campo dos historiadores, embora haja (e os próprios autores chamam atenção para esse fato) algumas exceções que mencionaremos mais adiante. Surge, então, uma questão interessante: como o corpo pôde ser, durante tanto tempo, marginalizado pela pesquisa histórica? Ocorre que na divisão natureza/cultura o corpo foi tradicionalmente

* Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). E-mail: brunohistrural@yahoo.com.br

encarado como algo que pertencesse ao primeiro domínio.² Razão pela qual a advertência de Marc Bloch é tão significativa: “Aprendemos que o homem também mudou muito: em seu espírito e, sem dúvida, até nos mais delicados mecanismos de seu corpo”.³ Essas palavras constituem uma observação que, de forma alguma, poderia ser da ordem da evidência. Os autores do livro que ora apresentamos tiveram o cuidado de passar em revista geral, na introdução à obra, o percurso da entrada do corpo na história. Começamos, pois, por aqui.

As exceções ao silêncio persistente sobre a história do corpo encontram, como ponto de partida sugerido pelos autores, os trabalhos de Michelet: *O povo* (1377) e *A feiticeira* (1862). Michelet forneceu, nos dois trabalhos citados, um exemplo do que os autores chamam de “método histórico encarnado”, cuja proposta seria a de “ressuscitar os corpos dos homens do passado, mas também a intuição da importância do corpo através das eras”.⁴ Todavia, reconhecem, foi necessário aguardar um mergulho efetivo da história nas ciências sociais para que o corpo pudesse aparecer como objeto da pesquisa histórica. Neste sentido, os autores apontam as influências principais advindas de cientistas sociais: notadamente Marcel Mauss e Norbert Elias: o primeiro dos quais, sendo o pioneiro no interesse pelas “técnicas do corpo”, demonstrando como a lógica de utilização dos corpos podia variar (e variava) em função das diferentes sociedades, da moda, da busca pelo prestígio, das educações, das conveniências, da influência do cinema, etc.⁵ Elias, por sua vez, destacou-se por aplicar a lógica da sociologia e antropologia na explicação histórico-sociológica da formação da civilização no ocidente, cujo debate, de tão familiar, talvez nos dispense de maiores considerações.

À lista de contribuições, os autores acrescentam o nome de Johan Huizinga e seu *Outono da Idade Média*, de 1919 (portanto vinte anos antes da publicação de *O processo civilizador* de Elias). Mas será com a contribuição de Marc Bloch e Lucien Febvre que a “instituição histórica” se beneficiará de “uma verdadeira atenção” e transformará a questão em um “verdadeiro programa de pesquisa”.⁶ A partir de então, os estudiosos de variadas áreas voltaram, com interesse crescente, seus estudos para as questões do corpo: Adorno, Horkheimer, Kantorowicz, Peter Brown, Paul Veyne, Bakhtin e, para não nos estendermos demasiado, Michel Foucault, cuja importância é tão bem avaliada por esse texto introdutório do livro de Le Goff e Truong.

É hora de nos perguntarmos qual será a tônica de *Uma história do corpo na Idade Média*. Qual a tese fundamental do livro? O que se procura demonstrar? Não é tarefa complicada responder a estes questionamentos, dada a clareza com que os autores expõem a questão: o corpo é atravessado, durante toda a Idade Média, por uma tensão e um paradoxo. O paradoxo consiste no duplo posicionamento do cristianismo em relação ao corpo. Por um lado, “o corpo é desprezado, condenado, humilhado”; por outro lado, “o corpo é

glorificado no cristianismo medieval”.⁷ Se o corpo foi o grande perdedor do pecado original à luz da interpretação teológica medieval, ele foi, também, reabilitado não só pela encarnação de Cristo, como pela sua ressurreição em carne. Da mesma forma, a liturgia da eucaristia dá lugar ao sangue e ao corpo de Cristo. Prova dessa valorização do corpo de Cristo encontra-se na fortuna encontrada pela metáfora paulina do corpo místico.⁸

A tensão, por sua vez, refere-se aquilo que os autores caracterizam como uma “dinâmica do Ocidente”: a quaresma e o carnaval. O corpo é atraído ora para o jejum, ora para a gula; ora para a renúncia, ora para o prazer. É nesta oposição entre quaresma e carnaval, que os autores foram buscar em Mikhail Bakhtin⁹, que a vida cotidiana medieval oscila. Tal oscilação, afirmam, “tem a ver, provavelmente, com o lugar central que o corpo ocupa no imaginário e na realidade da Idade Média”.¹⁰

Uma história do copo na Idade Média divide-se em quatro partes: 1) Quaresma e Carnaval: uma dinâmica do Ocidente, 2) Viver e morrer na Idade Média, 3) Civilizar o corpo, 4) O corpo como metáfora. A primeira parte aborda questões referentes às práticas de subjugação do corpo, aos domínios da sexualidade, dos tabus a ela associados e sua repressão e codificação pela igreja. Mas a recusa do corpo, para além da sexualidade e do sofrimento, marcava-se também no domínio da alimentação, onde o gordo e o magro ofereciam a materialização corporal da oposição quaresma-carnaval. Também o trabalho é objeto de discussão. Trata-se de abordar a própria tensão entre o trabalho enquanto penitência (sobretudo na Alta Idade Média – séculos V-XI) e o trabalho enquanto atividade provida de alguma nobreza, sobretudo entre os séculos XI e XIII, quando se observa o que os autores chamam de “uma revolução mental”, capaz de valorizar o trabalho, até então predominantemente evocado como signo do pecado original e do declínio humano.¹¹ Por fim, o choro, o riso e o sonho. Aqui os autores abordarão, sobretudo, as interpretações concernentes a cada uma dessas manifestações do corpo, que foram objeto de especial atenção na Idade Média, demonstrando como os dois primeiros foram associados ao divino e ao diabólico, respectivamente, e como o sonho foi ora associado às manifestações malignas, ora reabilitado pela leitura do antigo testamento, “onde se sonha muito mais do que no Novo”.¹² Mas os autores advertem que essas associações pretendidas pela igreja estavam sujeitas às variações que, por vezes, partiam dos próprios teólogos. E, não raro, tais manifestações passavam de diabólicas a divinas, e vice e versa.

A segunda parte do livro investiga o estado dos saberes médicos no medievo, a expectativa de vida do período e os estragos trazidos com a peste negra, que dizimou, em quatro anos (1347-1352), um quarto da população ocidental.¹³ Trata-se, também, das divisões da vida pelas quatro idades (criança, jovem, adulto e velho) e da correspondência de cada uma dessas idades com

os quatro humores descritos na medicina hipocrática: sangue, bile, pítuita e atrabílis. Outro ponto de destaque são as doenças, e os autores discutem em especial o estigma da lepra, associada ao pecado e à concepção em períodos restritos pela igreja (Quaresma, dias santos, etc.). Por fim, os mortos ocupam um lugar na história medieval. Le Goff e Truong analisam o imaginário medieval acerca da morte e o espaço que aquela sociedade lhe dedicava.

Na terceira parte do livro, os autores concentram-se na empresa de civilização do corpo, levada a cabo pela igreja, que não pôde, efetivamente, controlá-lo por inteiro.¹⁴ A exposição do corpo nu, a codificação dos gestos, da alimentação, dos modos em geral. Trata-se de um capítulo estreitamente relacionado ao clássico trabalho de Norbert Elias: *O processo civilizador*, volume 1. Um estudo, portanto, dos costumes mais cotidianos, mas de maneira alguma naturais.

A última parte reflete sobre a utilização metafórica do corpo, a associação da república com o corpo e seus membros (e suas funções), resultado direto da associação paulina da igreja com o corpo e do Cristo como cabeça. De raízes gregas e romanas (antigas, portanto), a associação metafórica da república com o corpo irá se assentar na Idade Média.¹⁵ Aqui se definirão usos e analogias que informarão, inclusive, o pensamento político nos séculos XVI e XVII.¹⁶ Afirma-se uma visão organicista do mundo político (em seu sentido amplo) que marcará presença por muito tempo.

É muito a propósito que o livro termine com uma alusão à “história lenta”, uma vez que, conforme se afirma, o corpo alimenta a história das mentalidades, lenta por definição. Não obstante os acontecimentos abruptos, como a peste negra no medievo e a corrida médico-estética dos séculos XX e XXI, o corpo mexe-se sem pressa no que tange ao essencial. Descreve uma lenta trajetória. Deixa sua história pelo caminho. Ajuda a pintar um quadro algo mais colorido da Idade Média, fazendo rejeitar – projeto que percorre praticamente toda a produção de Le Goff – a clássica associação do período a uma Idade das Trevas.

NOTAS

¹ Destaque-se, nesse campo, a importância de Alain Corbin, Geroges Vigarello e Jean Jacques Courtine: CORBIN, Alain; VIGARELLO, Georges; COURTINE, Jean-Jacques (Orgs.). *História do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2008. 3 v.

² LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. *Uma história do corpo na Idade Média*. Tradução de Marcos Flamínio Peres. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p. 16.

³ BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002. p. 65.

⁴ LE GOFF; TRUONG, op. cit., p. 16.

⁵ Idem, p. 18-19.

⁶ Idem, p. 22.

⁷ LE GOFF; TRUONG, op. cit., p. 11-12.

⁸ Aqui cabem algumas considerações a respeito da terminologia. Ocorre que, apesar do parentesco com as ideias do apóstolo Paulo, a expressão *corpus mysticum* fora cunhada muitos séculos depois. De fato, o apóstolo apresentara o conceito de igreja como *corpus Christi*, isto é, o corpo de Cristo. Segundo nos informa Ernst Kantorowicz, a expressão *corpus mysticum* ganhou proeminência na época carolíngia, associada à controvérsia da Eucaristia e, por transferência, qualquer corpo político. A metáfora de São Paulo é encontrada, entre outras passagens, em 1 Cor 6, 15; 12, 12.27; Ef 4, 4.16.25 e 5, 30. (o primeiro número após a abreviatura do nome indica o capítulo, ao passo que os números seguintes indicam os versículos). Cf. KANTOROWICZ, Ernst H. *Os dois corpos do rei: um estudo sobre teologia política medieval*. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Cia das Letras, 1998. p. 127-133.

⁹ Le Goff e Truong apontam a obra *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, publicada em 1970, como o trabalho orientador sobre a questão dessa oposição entre quaresma e carnaval (p. 27-28).

¹⁰ LE GOFF; TRUONG, op. cit., p. 35.

¹¹ Idem, p. 67.

¹² Idem, p. 83.

¹³ Idem, p. 105.

¹⁴ Idem, p. 133.

¹⁵ Idem, p. 155.

¹⁶ Remeto ao livro de Michel Senellart: SENELLART, Michel. *As artes de governar: do regime medieval ao conceito de governo*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 2006.

Resenha recebida em dezembro de 2011. Aceita em março de 2012.